

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

Avaliação,  
Políticas  
e Expansão  
**da Educação  
Brasileira 8**

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da  
Educação Brasileira 8

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 8 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 8)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-465-8 DOI 10.22533/at.ed.658191007  1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.  CDD 379.981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA DA UNIPAMPA NOS PRIMEIROS ANOS DE CRIAÇÃO - VISÃO INSTITUCIONAL	
Caren Rossi Alzira Elaine Melo Leal Katiane Rossi Haselein Knoll	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A GUERRA DO CONTESTADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA APROXIMAÇÃO INDISPENSÁVEL NO MEIO-OESTE CATARINENSE	
Marco Andre Serighelli Vanessa Wegner Agostini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A PRIMEIRA IMPRESSÃO, OS DEVANEIOS EM BACHELARD E UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO	
Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena Luciane de Souza Oliveira Valentim Elaine Cristina Balancieri Pereira André Augusto Gutierrez Fernandes Beati	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU PARA A EDUCAÇÃO	
Bianca Cristina dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
CARACTERIZAÇÃO DE PARÂMETROS (INDICADORES) EM COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (COINFO): ESTUDO DE CASO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA COM O USO DE ABORDAGENS QUALITATIVAS	
Marcia Rosetto Regina Célia Baptista Belluzzo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
DIÁRIO, CARTAS E CADERNOS: UMA ANÁLISE DOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA	
Jaqueline Vieira de Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
ECOS MORAIS E CÍVICOS: UMA ANÁLISE DO AMBIENTE DE UMA BANDA MARCIAL EM TEMPOS DE DITADURA	
Rafael Montoito Rafael de Souza Velasco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: A POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO SOCIAL	
Patricia Melo Magoga Darcísio Natal Muraro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
GRUPO PET-GEOLOGIA E O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS NA ATUALIZAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOLOGIA DA UFPA	
Rosemery da Silva Nascimento Carlos Andrei Pedroso Da Silva Gabriel Silva De Araújo Pontes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
HISTORIA DA ESCOLAS PÚBLICAS CARIOCAS: DESAFIOS DA EXPANSÃO NOS BAIRROS DA GAVEA E URCA	
Rosimeri da Silva Pereira Arlindo Carlos Silva da Paixão Franklim Rodrigues de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
MAPEAMENTO HISTÓRICO DA VINCULAÇÃO DE RECURSOS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Edugas Lourenço Costa Rafael Pavan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
O PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO DAS NOVAS RURALIDADES DO SEMIÁRIDO NORDESTINO	
Gerciane Maria da Costa Oliveira Kyara Maria de Almeida Vieira Gionara Bruna Alves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
O USO DE DOCUMENTÁRIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RELAÇÃO	
Lóren Grace Kellen Maia Amorim Maria Teresa Menezes Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
OLHARES - A FOTOGRAFIA E OS ESPAÇOS URBANOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESPACIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Fátima Aparecida da Silva Faria Galvão dos Santos Erik Armando Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100714</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE TRABALHO DOCENTE	
Solange Martins Oliveira Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
SOBRE AS UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ	
Oscar Edgardo N. Escobar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>186</b>
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Taira Carvalho Assis	
Laís Leni Oliveira Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>202</b>
TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS NO SÉCULO XX: APONTAMENTOS SOBRE AS POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS	
Helen Barbosa Raiz Engler	
Leonardo Henrique Cardoso de Andrade	
Tatiana Ferreira dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>209</b>
UMA ANÁLISE DA ATUAL EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	
Edelvar Vicente Rippel	
Millais Lariny Soares Rippel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>219</b>
UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE DAVID HUME E RENÉ DESCARTES	
Ana Cristina da Silva Brito	
Kelei Zeni	
Eliane de Fátima Triches	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>228</b>
BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: APONTAMENTOS À LUZ DE FOUCAULT	
Adriana Martins de Oliveira	
Francismeiry Cristina de Queiroz	
Raquel Martins Fernandes Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>240</b>
VIOLÊNCIA ESCOLAR: DESAFIOS EM CURSO NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI	
Vanessa Gonçalves da Silva	
Cleide Ester de Oliveira	
Veralúcia Guimarães de Souza	
Francisco Carlos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100722</b>	

**CAPÍTULO 23 ..... 253**

VIOÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE POSSIBILITAM ESSA PRÁTICA

Maria Goretti Rodrigues de Sousa Oliveira

Maria Aparecida Pereira

Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.65819100723

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 262**

## ECOS MORAIS E CÍVICOS: UMA ANÁLISE DO AMBIENTE DE UMA BANDA MARCIAL EM TEMPOS DE DITADURA

**Rafael Montoito**

Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Pelotas-RS

**Rafael de Souza Velasco**

Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Pelotas-RS

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivos analisar os depoimentos dos integrantes da extinta Banda Marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel), dentre os anos de 1968 e 1973, época de efervescência da Ditadura Militar Brasileira, e produzir fontes orais a respeito da existência de “ecos” da disciplina de *Educação Moral e Cívica* (EMC) –matéria imposta na grade curricular escolar pelo regime ditatorial, que teve por objetivo suscitar no indivíduo uma moral cidadã, estimulando a formação de um homem pacífico, moralmente correto, patriota, um cidadão subordinado. O estudo aprofundado desta doutrina nacionalista de exaltação à Pátria levou-nos a nos questionarmos se e como ela teria influenciado na formação política dos entrevistados, que foram expostos a estas ideologias, tanto dentro da banda quanto no restante do ambiente educacional da instituição. A partir desta indagação, buscamos identificar nas falas dos entrevistados traços que apontam paralelos entre os conteúdos da EMC e as vivências dos integrantes da banda marcial. Na

composição da pesquisa, utilizamos a *História Oral* e a *Fotografia como fontes históricas*, como métodos de coleta de dados, e a *Análise de Conteúdo*, como metodologia analítica dos depoimentos. Das análises feitas dos livros didáticos de EMC selecionados, emergem quatro categorias, as quais são facilmente identificadas nos depoimentos dos ex-integrantes: o culto aos símbolos nacionais, os valores morais, a masculinização e a submissão à hierarquia. É sobre esta última que trataremos, mostrando, através das falas dos entrevistados, que o ambiente da banda reforçava os ideários da disciplina de EMC na formação do jovem brasileiro e, particularmente, da Banda Marcial da ETFPel.

**PALAVRAS-CHAVE:** Banda Marcial; Ditadura; Educação Moral e Cívica; Escola Técnica Federal de Pelotas.

### MORAL AND CIVIC ECHOES: AN ANALYSIS OF A MARTIAL BAND ENVIRONMENT IN THE DICTATORSHIP PERIOD

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the testimonies of members of the former Martial Band of the Federal Technical School of Pelotas (ETFPel) between 1968 and 1973 at the peak of the Brazilian Military Dictatorship, as well as collect oral sources on the existence of “echoes

“of the Moral and Civic Education (MCE) course, which was imposed in the school curriculum by the dictatorial regime, aiming at arousing a moral citizenship in the individual, stimulating the formation of a peaceful, morally correct, patriot, subordinate citizen. An in-depth study of this nationalist doctrine of glorification of the motherland led us to question whether and how it would have influenced the political formation of the interviewees who were exposed to these ideologies both within the band and the rest of the educational environment of the institution. From this questioning, we try to identify in the lines of the interviewees parallel traces between MCE contents and the personal experiences of the martial band members. In order to do the research, Oral History and Photography were used as historical sources and as methods of data collection, whereas Content Analysis was applied as an analytical methodology of testimonies. From the analysis of selected MCE textbooks, four categories emerged, which could be easily identified in the statements of the former members: the cult for national symbols, moral values, masculinization and submission to hierarchy. The latter issue will be further discussed, showing, through the interviewees’ statements, that the band environment reinforced the ideals of the MCE course in the formation of the Brazilian youth, and the ETFPel Martial Band in particular.

**KEYWORDS:** Martial Band; Dictatorship; Moral and Civic Education; Federal Technical School of Pelotas

## **PRA VER A BANDA PASSAR: INTRODUÇÃO**

Este texto apresenta parte de um estudo que teve como principal objetivo produzir fontes orais a respeito da trajetória da Banda Marcial da extinta Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel)<sup>1</sup>, os quais serviram de material para que se pudesse pesquisar a existência de “ecos” da disciplina de *Educação Moral e Cívica* no ambiente de formação da banda. Convidados para participarem da nossa pesquisa como entrevistados, os ex-integrantes da antiga banda marcial da ETFPel foram deixados livres para abordarem suas memórias a respeito, as quais nos forneceriam material para que pudessemos identificar as repercussões cívicas em seus discursos, ao falar da Banda na época pesquisada (de 1968 a 1973), fase efervescente da Ditadura Militar brasileira. De um total de cinco participantes<sup>2</sup>, trabalharemos neste texto, devido ao espaço restrito, com extratos de apenas dois.

No papel de pesquisadores em educação, nos despertava interesse o fato de que a banda marcial da antiga ETFPel possui, até hoje, anos após sua extinção, uma aura de adoração entre os funcionários mais antigos da instituição, além de permanecer presente no imaginário pelotense, devido aos desfiles que fazia e aos títulos que

---

1. Antes de ser federal, houve um período em que a escola era apenas *Escola Técnica de Pelotas*, motivo pelo qual alguns entrevistados se referem à ela apenas como *ETP*. A banda existiu até 2004, quando a ETFPel já havia se transformado em Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET).

2. As entrevistas foram feitas segundo os procedimentos éticos exigidos pela área, ou seja, deixando os entrevistados esclarecidos de sua participação (e eventual ruptura com a pesquisa, caso quisessem abandoná-la em algum momento) e pedindo-lhes que assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido.

conquistou. Entretanto, não havia nenhuma pesquisa acadêmica sobre a banda que, organizada dentro de uma instituição de ensino, levava-nos à hipótese de que estaria, de certo modo, impregnada dos discursos educacionais da época. Nosso interesse no estudo deste tema foi aumentando à medida que a pesquisa avançava; a cada entrevista realizada, a cada informação incorporada no nosso fazer-pesquisa, sentíamos mais seguros para defender a ideia de que o ambiente da banda, de maneira implícita ou explícita, sublinhava alguns pilares, também estes expressos nos livros de EMC.

Enquanto pesquisadores, tivemos encontros “pessoais” com a história desta agremiação musical, encontros possibilitados pelo diálogo com o outro, como se pode ler no excerto abaixo, retirado da conversa com um dos protagonistas da Banda ETFPel:

[...] me criei em um internato, no exército de salvação, que era lá nas Três Vendas<sup>3</sup>, aprendi alguma coisa de música com o Maestro Norberto Nogueira Soares, que foi maestro da Banda Democrata, uma banda centenária daqui de Pelotas. Em 62 eu, por dificuldade financeira, entrei pra ETP para ter uma formação profissional. Mas como eu já tinha algum conhecimento de música, foi bem fácil: já encaixei na banda e a Banda da Escola abriu tudo que foi horizonte para mim, me ajudou bastante. Basta ver que até serviço dentro da escola eu consegui, através da banda da escola (ENTREVISTADO 1, 2019, p. 1).

Criada em 3 de setembro de 1963, a banda bicampeã nacional (1987 e 1988) e hexacampeã estadual (1967, 1968, 1970, 1999, 2000 e 2001) chegou a contar com 148 integrantes titulares em seu conjunto. Seu intuito era o de difundir a musicalização de jovens estudantes da ETFPel, que adentravam à agremiação com cerca de 13 anos de idade e, muitas vezes, saíam com 18, ou seja, passavam boa parte de sua adolescência “respirando” música e todos os discursos militares que permeavam a banda da Escola.

Os *Possantes* ou *Etepeanos*, como eram conhecidos os membros da Banda Marcial, faziam parte da agremiação por vontade própria e não por obrigatoriedade. Porém, uma vez adentrando no conjunto, a responsabilidade demandava uma dedicação extrema, afinal, um integrante dependia do outro para ter sucesso. A cobrança era enorme, mas os entrevistados afirmam que eram (e ainda são, mesmo 50 anos depois) aficionados pela Banda ETFPel. Um de nossos entrevistados conta ter sido obrigado a deixar a banda, pois seu pai alegava que ele tinha de se dedicar mais aos estudos e entendia que a música demandava muito tempo, como se nota no excerto a seguir:

O meu pai me tirou da banda e aí perdi o meu lugar [...] aí eu briguei comigo mesmo e disse: eu vou entrar, vou voltar. Aí eu chegava em casa com o instrumento [...] eu tinha que entregar para a minha mãe pela janela, eu tinha que esconder o instrumento, justificar pro meu pai porque eu cheguei mais tarde, porque eu passava todo o dia na escola (ENTREVISTADO 2, 2019, p. 2).

Pode parecer contraditório que a vinculação à banda, que exigia compromisso e responsabilidades sociais e morais do aluno, instigava-o a uma transgressão, mas

---

3. Bairro da cidade de Pelotas, que existe até hoje.

pode ser justificado uma vez que permanecer na banda era, também, um diferencial frente a outros alunos e uma honra que não era alcançada por todos.

O tricampeonato de 1970 foi um grande marco para os integrantes. No ato, a ETFPel venceu sua maior rival: a Banda Marcial do Colégio Gonzaga, cujos componentes eram conhecidos como *Galinhas Gordas*. A concorrência entre as duas agremiações movimentava a paixão e o fanatismo não só dos músicos participantes, mas também de toda a comunidade escolar. A zombaria fazia parte da rivalidade, divertia e aumentava ainda mais o antagonismo entre os simpatizantes de uma ou outra escola e o “patriotismo” pela instituição à qual faziam parte. Abaixo, exibimos uma “provocação” que circulava nos corredores da Escola.

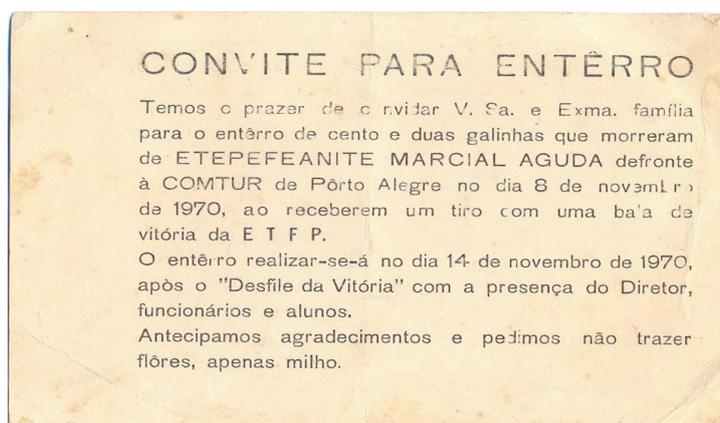


Figura 1 - Provocação para com o principal rival

Fonte: Acervo IFSUL

Outro de nossos entrevistados nos conta: “A banda tinha um carisma muito grande [...] a gente quando saía dos ensaios, saía da escola e era uma verdadeira multidão atrás [...] a gente ia até o Porto<sup>4</sup> e voltava, tocando pra firmar a cadência, pra firmar a embocadura, o instrumento de percussão (ENTREVISTADO 1, 2019, p. 1).

Este preâmbulo, que relatou sucintamente o amor e a dedicação que os integrantes tinham pela banda, serve-nos de antessala para discutir os ideais de uma educação pautada em valores morais e civismos, que impregnou a escola brasileira na época da ditadura, a qual será discutida na próxima sessão.

Este texto vale-se de trechos de músicas para nomear cada subseção, numa alusão à musicalidade da banda e às canções produzidas na época da ditadura brasileira.

## **HOJE VOCÊ É QUEM MANDA: BREVE OLHAR SOBRE A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA**

Não é nosso intuito, neste texto, fazer uma retrospectiva histórica da ditadura militar

4 Bairro de Pelotas, que existe até hoje.

brasileira, uma vez que há incontáveis estudos sobre sua implantação, consequência e declínio; interessa-nos, de maneira mais cuidadosa, trazer à superfície discursos outrora escamoteados que davam suporte para este regime e que atingiam os alunos brasileiros de uma maneira que talvez não percebessem, mas que ecoam até os dias atuais.

A ideologia da militarização, que agia em todos os âmbitos da sociedade brasileira, tinha na publicidade institucional do governo um veículo que a propagava a todo vapor, criando uma atmosfera propensa para o radicalismo. A proposta das comunicações era trabalhar no inconsciente popular a benesse destas questões. Até mesmo as propagandas de calçados difundiam tais ideais. “O empresariado costumava associar-se às campanhas patrióticas do governo, e o ufanismo chegou aos sapatos” (GASPARI, 2014, p.155). A ilustração a seguir divulga os *sapatos Conga*, do grupo São Paulo Alpargatas S. A., que cresceu muito nos anos 70, líder de mercado em plena “ditadura escancarada” (GASPARI, 2014). Outra curiosidade é que o sapato Conga era adotado por muitas escolas públicas como parte do componente do uniforme, com a justificativa de ser de baixo custo.



Figura 3 - O Empresariado e o Ufanismo

Fonte: GASPARI (2014)

Analisando, podemos dizer que a imagem – que claramente representa um desfile, com a pátria circundada por um belo céu “com nuvens de tranquilidade” – em muito tem a ver com os argumentos ideológicos de “como as coisas devem ser”, abalroados pela disciplina de *Educação Moral e Cívica*: demasiadas Bandeiras Nacionais, demonstrando um culto à nação; o alinhamento de todos os integrantes da composição fotográfica, em marcha, expressando respeito e servidão pela ordem; homens e mulheres em papéis bem distintos, já que homens tocam, são músicos, e mulheres, por sua vez, carregam bandeiras, em uma clara divisão de “talentos”; por fim, toda a ilustração publicitária é anunciada pelo título, que reforça o orgulho de ser brasileiro, o amor que se deve ter por este chão (que, afinal, é seu) e a militarização dos espaços.

O Entrevistado 2 explana seu posicionamento sobre o regime militarizado

Nós tocávamos na banda da escola e eu não tinha recurso nenhum. Eu tinha que tocar carnaval pra pegar o dinheiro, e se ganhava muito bem [...] eu me sustentava com o dinheiro do carnaval, com 13 anos [...] Nós sentávamos na calçada e contava quanto é que tinha ganho, no carnaval de Pelotas, na época do regime militar. Não teve ditadura! Alguém teve que tomar uma atitude. É que nem agora (ENTREVISTADO 2, 2019, p. 6).

Manifestadamente, nosso entrevistado sente saudades do período militar, época que o entrevistado considerava que a população vivia em segurança, em que meninos de 13 anos podiam contar grandes quantidades de dinheiro na rua – dinheiro esse que haviam conquistado com seu talento e liberdade. Ele entende que os militares “tiveram de tomar uma atitude” para “salvar a sociedade”. Em outra parte da sua fala, o Entrevistado 2 diz que, nos dias atuais, os valores estão deturpados pelo “falso politicamente correto” e suas vivências ecoam em sua memória e vislumbram uma saída semelhante à da época da ditadura, pois agora alguém também precisa “tomar uma atitude” para organizar o país.

Rubens Ribeiro dos Santos, oficial do exército e um dos autores do *Compêndio de Educação Moral e Cívica*, de 1973, apresentava em seu manual questões que deveriam ser observadas e postas em prática por todo indivíduo da sociedade brasileira; era imperativo trabalhá-las, inclusive e impreterivelmente, na sala de aula. Seu programa teórico chamado *Revolução de 1964* consistia em:

- Aprimorar a prática dos princípios democráticos consagrados na Constituição Brasileira, sobretudo as referentes à dignidade da pessoa humana no bom sentimento do humano – aos direitos e deveres e liberdade do homem brasileiro – mas não do pseudobrasileiro, isto é, daquele que está a serviço de outra Pátria – à conceituação da família, à individualização da Pátria e à convicção de que o Estado existe para o Homem e não o Homem para o Estado;
- Estimular os valores positivos de sustentação da nacionalidade e da Soberania, dando ênfase ao moral, ao civismo e ao espírito religioso;
- Opor-se às doutrinas e às ideologias que contrariam a alma, a consciência e a tradição brasileira;
- Garantir a oportunidade de melhora crescente e acelerada dos padrões econômicos do homem brasileiro;
- Dar à Nação, com o máximo empenho, toda a segurança e a liberdade indispensáveis ao desenvolvimento acelerado, que propicie o bem-estar e a tranquilidade compatíveis e exigidos por nossa grandeza (FERREIRA e SANTOS, 1973, p.47).

Claramente, a disciplina de EMC encorajava o nacionalismo, o orgulho de ser patriota. O próprio compêndio deixa definido que a soberania brasileira deveria prevalecer, onde a moral, o civismo e a religião deveriam andar de mãos dadas em direção à prosperidade, acelerando os padrões econômicos do povo. Em outras palavras:  *siga as regras, alavanque a nação e terá sucesso*, mote que pairava no ar mas que, sabemos, é bastante delicado porque, de fato, não conduz sempre e certamente ao sucesso.

Fonseca (1993) é taxativo ao dispor sobre o intuito e direcionamento da disciplina de Educação Moral e Cívica, questões essas talvez não percebidas pelos nossos entrevistados quando eram alunos e, portanto, absorvidas facilmente:

A nação, a pátria, a integração nacional, a tradição, a lei, o trabalho, os heróis: esses conceitos passaram a ser o centro dos programas da disciplina Educação Moral e Cívica, como também **deviam “marcar” o trabalho de todas as outras áreas específicas e das atividades extraclasse com a participação dos professores** e das famílias imbuídas dos mesmos ideais e responsabilidades cívicas (FONSECA, 1993, p. 37, grifos nossos).

Assim, a educação brasileira no período militar alinhava-se com o Governo Federal num propósito doutrinador ao qual todos deviam estar imbuídos, da escola para a sociedade em geral. Logo, era preciso extirpar os centros estudantis de todo e qualquer estímulo ao pensamento que o Estado julgava ser comunista e libertino; na contramão, explorar o nacionalismo, o labor, a ordem, o progresso, valores essenciais para a implantação ditatorial.

Neste contexto, a disciplina de Educação Moral e Cívica articulava-se diante do princípio de que o papel de uma boa escola seria moldar o estudante, adequando-o à obediência militar, conformando-o como agente articulador em sua sociedade e cultura. Ao considerar a fala antes posta de Fonseca (1993) acerca de as atividades extraclasse também serem responsáveis por “fomentar” no estudante este comportamento, nosso olhar se clarifica ainda mais para identificar semelhanças entre a disciplina de EMC e o ambiente da Banda ETFPel.

Na próxima sessão, discutiremos melhor estas semelhanças, apresentando as metodologias utilizadas na pesquisa para a coleta e para a análise de dados. Os resultados da pesquisa contribuirão para discussões sobre a imparcialidade presumida do ambiente escolar: nada que nele acontece é descolado do seu tempo histórico e das lutas de poder, nem isento de intencionalidades.

## **POR ENTRE FOTOS E NOMES, OS OLHOS CHEIOS DE CORES: A COLETA DE DADOS**

A ideia de tentar entender *se e como* o discurso serviente à ditadura militar permeava o espaço da Banda ETFPel nos conduziu, num primeiro momento, a buscar a disciplina obrigatória implantada em plena efervescência da Ditadura Militar no Brasil: *Educação Moral e Cívica*. À análise dos livros didáticos de EMC e de seus conteúdos<sup>5</sup>, tomada em paralelo com a leitura de textos elaborados por autores que pesquisaram a educação da época, emergiram quatro categorias: *o culto aos símbolos nacionais, os valores morais, a masculinização e a submissão à hierarquia*. A partir daí, apoiados na metodologia de pesquisa em História Oral (HO), conversamos com ex-membros da

5. Foram analisados os livros didáticos Educação Moral e Cívica (COSTA, MOSCHINI e PAIXÃO, 1975), Princípios de Educação Moral e Cívica (FONTOURA, 1971), Educação Moral e Cívica na Escola do Primeiro Grau (GARCIA, 1972), cujas referências completas estão disponíveis ao final do texto.

banda para tentar identificar, em seus relatos, ecos destas categorias, absorvidas e vivenciadas, de certo modo, no ambiente da banda.

Nossa conversa com os entrevistados – ou seja, nossa pesquisa de campo – foi subsidiada, em partes, pelo uso da fotografia, tomada como fonte histórica. Escolhemos a HO por ser “uma oportunidade para narradores relativamente obscuros serem canonizados no discurso público: um relato público realizado por pessoas que raramente têm a oportunidade de falar publicamente” (PORTELLI, 2016, p. 186). Concordando acerca do uso da HO como metodologia de pesquisa em ambientes educacionais, Rios (2012) defende:

Não se trata, meramente, de valorizar a contribuição ou a perspectiva de um grupo que pode ser visto como periférico nas análises históricas realizadas, mas destacar que a singularidade dessa condição qualifica sua perspectiva com a riqueza de uma memória que reconstrói, bem a seu modo, a institucionalização de padrões modernos de ensino (RIOS, 2012, p. 13).

A metodologia de HO se fez pertinente, única e singular para a promoção desta pesquisa, principalmente por possibilitar uma visão mais subjetiva das experiências dos antigos integrantes da extinta Banda Marcial ETFPel. Para auxiliar nas entrevistas, para despertar as recordações dos entrevistados, utilizamos parte do acervo fotográfico que está cuidadosamente guardado no Arquivo Permanente do IFSUL, o qual narra, nas suas limitações, a história da Banda Marcial da ETFPel. É de suma importância para este trabalho a utilização da fotografia como fonte histórica, por aquilo que ela pode despertar nas lembranças dos entrevistados, sendo um “atalho” para as atividades de campo.

Mauad (2004) disserta que a fotografia é uma fonte histórica na qual cabe ao historiador uma nova análise, onde o que importa é o testemunho (no caso da nossa pesquisa, o testemunho do entrevistado que se identifica na foto vista), sem que signifique que o registro fotográfico deva ter o propósito de documentar um fato.

Não é de hoje que a história proclamou sua independência dos textos escritos. A necessidade dos historiadores em problematizar temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional levou-os a ampliar seu universo de fontes, bem como a desenvolver abordagens pouco convencionais à medida que se aproximavam das demais Ciências Sociais em busca de uma história total. Novos temas passaram a fazer parte do elenco de objetos do historiador, dentre eles a vida privada, o cotidiano, as relações interpessoais (MAUAD, 2005, p. 135).

Sontag (1986) indica a necessidade de desconstrução do aparente, desvendando aquilo que está oculto, singularizando os assuntos que foram focados naquele estipulado momento histórico. Podemos refletir através da foto acima, por exemplo: O que estaria por trás da imagem? O que captaria um integrante da Banda ao enxergar-se?



Figura 2 - Desfile da Banda Marcial - 1973

Fonte: Arquivo Permanente IFSul

Para uma pessoa que não vivenciou este momento, esta é apenas uma foto, onde podemos visualizar uma roupa típica, bumbos padronizados ou homens alinhados em formação; porém, para um protagonista, esta foto pode representar a nostalgia de lembrar um título em um concurso de Bandas Marciais, a saudade do companheiro ao lado que já faleceu ou até de coisas que nem digam respeito à Banda, mas que se relacionam com a mesma época da foto. A imagem, por si só, deixa silêncios que os entrevistados podem preencher, o que segue uma das orientações da HO: deixar o entrevistado falar, com o mínimo de interrupções possível. As recordações, a fala, as conexões com outros assuntos são elementos riquíssimos na construção das fontes orais que, nas palavras de Thompson (1998) e Portelli (2016), são sempre cocriadas pela relação que se estabelece entre o entrevistado e o pesquisador.

Fotos semelhantes a esta exposta anteriormente foram utilizadas nas entrevistas feitas com os ex-integrantes da banda. Este artifício, a serviço da História Oral, ajudou-nos a compreender elementos do espaço do cotidiano e das práticas da cultura escolar, sobretudo aquelas vivenciadas no espaço da banda marcial.

Entretanto, antes de expormos a análise feita pelo entrecruzamento dos estudos referentes à disciplina de EMC com os depoimentos colhidos pela metodologia de HO, com o auxílio do uso de fotografias, é necessário descrevermos, ainda que brevemente, o período histórico em questão: os dias da ditadura militar brasileira.

As entrevistas nos possibilitaram identificar ecos das diretrizes da EMC vivenciados no ambiente da Banda EFTFPel. Apesar de a pesquisa, em sua inteireza, abordar as quatro categorias aqui já descritas, comentaremos, a seguir, apenas uma delas: *a submissão à hierarquia*.

## MEU CASACO DE GENERAL CHEIO DE ANÉIS: COMENTÁRIOS SOBRE A CATEGORIA SUBMISSÃO À HIERARQUIA

Pilar da proposta de EMC, a hierarquia assumia papel fundamental para que a doutrina propagada pelo regime militar fosse implantada com sucesso. Fontoura (1971) define: “para que a liberdade exista é indispensável, portanto, que haja *DISCIPLINA*, palavra que significa *respeito à ordem, respeito aos regulamentos*. E para que exista disciplina é necessária a presença da autoridade” (FONTOURA, 1971, p. 214). Nota-se neste pensamento uma distorção considerável ao conceito de liberdade, contrário ao direito de ir e vir e ao direito de escolhas – e, conseqüentemente, de responsabilidades –, sendo essa colocada aqui como *resultado* da disciplina e da hierarquia.

Neste cenário, quanto mais as ideologias hierárquicas eram incorporadas através de um patriotismo exacerbado, maior era o sucesso do programa de *Educação Moral e Cívica*, já que eram difundidas ideias como “tal *nacionalismo verdadeiro* aceita a realidade nacional como ela é” (COSTA, 1975, p.196), ou seja, o cidadão cívico ideal deveria aceitar as problemáticas do país sem questionamentos, mansamente. Costa (1975) expõe o que seu livro de EMC configura como *Nacionalismo Verdadeiro*:

É o mesmo que patriotismo autêntico e sadio. É o sentimento que leva o cidadão a batalhar com entusiasmo para ver o nome da sua Pátria elevado no conceito mundial. É o desejo naturalíssimo de ver a própria Pátria engrandecida no campo da economia, da cultura e da moralidade (COSTA, 1975, p. 196).

Fontoura (1971) disserta que autoridade legítima e forte é aquela que emprega todos os seus esforços para cumprir sua missão suprema, que entende ser a construção do Bem Comum, o bem estar de todos, o desenvolvimento da sociedade. Santos (1973, p. 47) relaciona que as principais virtudes do “cidadão de bem” estão ligadas ao respeito à hierarquia, tais quais: (1) estimular os valores positivos de sustentação da nacionalidade e da soberania, dando ênfase ao moral, ao civismo e ao espírito religioso; (2) opor-se às doutrinas e às ideologias que contrariam a alma, a consciência e a tradição brasileira.

Qualquer tentativa de enfraquecer a autoridade (seja do Chefe do Estado, do chefe da família, do professor, do chefe da empresa, do diretor do Clube ou até do técnico dirigente do time de futebol) resulta sempre em enfraquecimento da sociedade, conduzindo à decadência e terminando na anarquia (FONTOURA, 1971, p. 214).

No seguimento, o mesmo autor defende: “Veja-se o que aconteceu com nossa Pátria, nos anos que antecederam 1964, quando a diluição da autoridade levou o Brasil à beira do caos econômico e social” (FONTOURA, 1971, p. 214). Tal assertiva é uma clara defesa ao Regime Militar, justificando a intervenção, uma vez que retoma que a autoridade (ou autoritarismo) trouxe o país, que estava à beira do colapso antes de 1964, para uma nova e segura direção.

Um de nossos entrevistados enxerga de forma positiva a intervenção social do regime militar, chegando a alegar: “Nunca teve ditadura! Teve, sim, um regime que

lutou contra todas as coisas erradas”(ENTREVISTADO 2, 2019, p. 6). Em outra fala, acrescenta:

Tinha o regime, ok, mas nunca me atrapalhou em nada. Me “atacaram” mil vezes na rua [...] muitas vezes, vinha eu e mais três ou quatro elementos, voltando do cinema, onze horas da noite, vindo pra casa. O que quer um menor, a essa hora, na rua? Fazendo o quê? Eles (os militares) colocavam a lanterna na cara e pediam documento. – “Ah, tu é da Escola, pode ir!” Todos os elementos que trabalhavam, não tinham problema. Quem tinha referências, respeito. Tu conseguia circular na rua sem aquele receio que tu tem hoje [...] se tu tava numa posição meio constrangedora, estranha, já te abordavam [...] ”onde tu mora”? “Tu tem documento”? Eram questões que te davam maior segurança. E quem era errado [...] “cana neles” (ENTREVISTADO 2, 2019, p. 6).

Fica evidente o orgulho que o entrevistado dispõe de sua antiga agremiação. Em suas lembranças, o fato de estudar na ETEP de Pelotas associava a uma pessoa de boa índole, inclusive na concepção dos militares que o abordavam seguidamente. Ele, por sua vez, concorda que aquele tipo de interpelação era benéfica para a “sociedade de bem”, de modo a protegê-la. O Entrevistado 2 não se sentia em nada constrangido frente a uma autoridade, pois entendia bem o seu papel e o do outro; ele lia-se submisso à hierarquia dos militares.

Garcia (1972), em seu livro *Educação Moral e Cívica na Escola de Primeiro Grau*, faz uma abordagem infantil, através de personagens, expondo as ideias de submissão e ordem de maneira mais lúdica às crianças:

Tio Pedro esteve completando meus conhecimentos sobre os regimes democráticos e explicou-me que, às vezes, são precisas medidas enérgicas do Governo para preservar a ordem e a liberdade...os chamados subversivos são elementos que em nome de uma pretensa liberdade tumultuam a vida do país, prejudicam com movimentos de agitação a boa ordem...estes indivíduos, que sempre procuram falar em nome da liberdade, são maus patriotas. É preciso que as pessoas conscientes se acautelem contra sua falsa propaganda (GARCIA, 1972, p. 102-103).

Mais adiante, numa linguagem explicativa e apaziguadora, o autor apresenta os Atos Institucionais como benéficos e necessários à sociedade brasileira.

O Governo, depois que alguns maus brasileiros perturbaram a ordem, foi obrigado a baixar uma série de Atos Institucionais, previstos na Constituição de 1967, reprimindo a ação dos subversivos, terroristas e corruptos. Estes Atos foram criticados principalmente pelos inimigos da Democracia. Sua ação benéfica se fez sentir e distúrbios e agitação tem diminuído. O povo brasileiro ama a ordem e a paz e aprecia que o Governo esteja vigilante e possa garantir a Democracia (GARCIA, 1972, p. 103).

O Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, marcou o início do período mais duro da ditadura militar. Editado pelo então presidente Arthur da Costa e Silva, ele deu ao regime uma série de poderes para reprimir seus opositores: fechar o Congresso Nacional e outros legislativos, cassar mandatos eletivos, suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão, intervir em Estados e municípios, decretar confisco de bens por enriquecimento ilícito e suspender o direito de *habeas corpus* para crimes políticos.

O jornal *Folha de São Paulo* narra que os primeiros efeitos do AI-5 foram percebidos naquela mesma noite, em 1968. O Congresso foi fechado. O presidente Juscelino Kubitschek, ao sair do Teatro Municipal do Rio –onde tinha sido paraninfo de uma turma de formandos de engenharia– foi levado para um quartel em Niterói, onde permaneceu preso num pequeno quarto por vários dias, sem roupa para trocar e nada para ler. O governador Carlos Lacerda, preso no dia seguinte pela PM da Guanabara, conseguiu ser libertado após uma semana em greve de fome. Para driblar a censura, o *Jornal do Brasil*, na edição publicada no dia seguinte à decretação do AI-5, noticiou a dimensão dos acontecimentos na sua seção de meteorologia:

Previsão do tempo: Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38°, em Brasília. Mín.: 5°, nas Laranjeiras (JORNAL DO BRASIL, 1968).

Que memórias têm nossos entrevistados das ações discricionárias do governo militar? Extraímos algumas partes de suas declarações que nos permitem entender que concordam com o absolutismo daqueles dias, oras por gratidão, oras por entenderem que fora necessário o despotismo.

Eu tirei o tempo todo da escola morando em *casa de estudante*. Uma época faltou verba pra comida no restaurante universitário e nós almoçávamos no quartel da Brigada do Exército. Nos acolheram. Como que tu não vai valorizar? As tuas raízes, quem te deu chance de sobreviver e de não pegar o caminho errado (ENTREVISTADO 1, 2019, p. 3).

No ambiente da Banda Marcial, a *submissão à hierarquia* era tida como indispensável. Estar atento aos comandos do *Mór*<sup>6</sup> era elementar para o conjunto todo executar sua *performance* com êxito. “O *Mór* se preocupava com a condução da banda, com a ordem unida, com o uniforme, com o instrumento em dia, né?! [...] conduzir, carregar o Bastão pra orientar quando deveria iniciar a música [...] qualquer movimentação no grupo, ele que era o comando” (ENTREVISTADO 1, 2019, p. 2). A seguir, o entrevistado explana a importância da ordem unida, do vigor e do civismo, obedecendo aos comandos com uma conduta respeitosa:

Tu tinhas que te preparar pra semana da Pátria e tinham ensaios e a ordem unida [...] a gente treinava a ordem unida na banda, que é tu marchar de passo certo, é tu obedecer o sinal pra dobrar a esquerda, dobrar à direita. Então, a ordem unida, além da parte musical, também fazia parte. A postura, a postura pra tu marchar, era com vigor. Não era aquela coisa de tu tocar desleixado, né?! Tinha que ter postura, firmeza (ENTREVISTADO 1, 2019, p. 1).

Ecoss desta ordem e destes desfiles aparecem na fala do Entrevistado 2, quando ele comenta a marcialidade dos dias de hoje. Sobre a troca da guarda, na posse do atual Presidente Brasileiro, o militar da reserva Jair Bolsonaro, declara: “Eu tava vendo a troca da guarda estes dias. Pô, aquilo ali fazia mais de 20 anos que eu não via [...] na troca do governo, agora, lá [...] os caras nem iam trocar mais [...] Hoje voltou a troca de novo, com todo o garbo, a marcialidade, a pompa, as duas bandas do exército tocando. Aquilo é que é o ideal” (ENTREVISTADO 2, 2019, p.1).

6. Autoridade máxima da banda.

Voltando para a o universo da Banda ETFPel, um entrevistado relembra que tudo deveria estar nos conformes, desde a vestimenta: “Nessa época o uniforme era rigoroso, tinha de estar passadinho, bem alinhadinho. Era tudo feito na escola” (ENTREVISTADO 1, 2019, p. 2). Em conformidade, outro entrevistado expõe a seriedade como tudo era tratado no círculo marcial da banda, caso o integrante desejasse prosperar na agremiação:

Se tu olhasse pro lado, o teu amigo te tirava fora da banda [...] o Olivério (coordenador geral da banda) [...] nós ensaiávamos embaixo e ele ficava lá em cima, cuidando[...] ensaiando, cara [...] o cara olhava pro lado, ele descia correndo e te tirava o instrumento e dizia “tu não entra mais”. E “deu pra bola”, era assim que funcionava, pois tinha 50 integrantes de reserva (ENTREVISTADO 2, 2019, p. 2).

Considerando estes trechos aqui citados dos depoimentos, acreditamos que a categoria *submissão à hierarquia* se fazia presente tanto nos livros de EMC quanto nas vivências Banda ETFPel. Se, na sociedade, havia o representante político desta ideologia, na banda seu equivalente era o Mór, líder máximo da agremiação, a quem se devia respeitar enquanto comandante. Em nenhuma das falas os entrevistados dão a entender que eram – ou que se tornaram, com o passar dos anos – contrários às figuras de poder autoritário. Suas lembranças, transbordantes de ufanismo, associam estes papéis à promoção e manutenção da ordem, indispensável para se alcançar o “bem comum” e para se formar “cidadãos de bem”.

### **DEPOIS QUE A BANDA PASSOU: ALGUMAS CONCLUSÕES:**

Concluimos que as caracterizações militares – tais quais o uniforme e o desfile em marcha –, se valem muito do discurso hierárquico empregado na época, onde o garbo e o labor eram exaltados, assemelhando-se às práticas militares. Afinal, de acordo com o que defende um dos entrevistados: “o rigor, a rigidez, é o que te dá a condição, te dá o desenvolvimento” (ENTREVISTADO 2, 2019, p. 6). Assim, os entrevistados acreditam que a *Submissão à Hierarquia* era indispensável para o melhor andamento da Banda.

Analisando os dados fornecidos pelos entrevistados, chegamos à conclusão de que o ambiente da Banda Marcial ETFPel consolidava os princípios propagados pelo Regime Militar. Faltam-nos dados para discutir a intencionalidade disso, mas as marcas são claras: marcas de uma época, de um regime de governo, de um projeto de educação que permeava os distintos fazeres do campo escolar.

O saudosismo dos ex-integrantes em relação ao comportamento social da época, seja na instituição pesquisada ou fora dela, deixa claro que, na compreensão dos entrevistados, a Ditadura não só foi benéfica para o país, como sua vertente ideológica deveria tornar a “dar as regras” no cenário político nacional.

Assim, este trabalho fez com que mudássemos um pouco de opinião com relação à Banda ETFPel, que pensávamos ser meramente um espaço de diversão

e aprendizagem musical, mas que agora percebemos também como um espaço de fortalecimento dos ideais militares.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Otto; MOSCHINI, Felipe N.; PAIXÃO, José C. **Educação Moral e Cívica**. São Paulo: Editora do Brasil, 1975.

ENTREVISTADO 1. **Entrevista**. Pelotas, 18/01/2019

ENTREVISTADO 2. **Entrevista**. Pelotas, 18/01/2019

FERREIRA, Marieta de SANTOS, Rubens Ribeiro dos. *Compêndio de Educação Moral e Cívica*. p. 46, 2000.

FONSECA, Selva G. **Caminhos da História Ensinada**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1993.

FONTOURA, Amaral. **Princípios de Educação Moral e Cívica**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1971.

GARCIA, Edília Coelho. **Educação Moral e Cívica na Escola de Primeiro Grau**. São Paulo: Lisa Livros Irradiantes S. A., 1972.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

JORNAL DO BRASIL. **Acervo Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro – Disponível em <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&hl=pt-BR>> Acesso em: 09 de out. 2018.

MAUAD, Ana Maria. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan. - jun. 2005.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIOS, Diogo Franco. **Memórias de ex-alunos do Colégio da Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna**: a construção de uma instituição modernizadora. Salvador, 2012.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME** Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: [williandouglas@uft.edu.br](mailto:williandouglas@uft.edu.br)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-465-8

